

Cartografia: mapeando e produzindo territórios existenciais e relacionais *Cartography: mapping and producing existential and relational territories*

Natalí Abreu Garcia, Mestra em design, PUC-Rio

nataligarcia@gmail.com

Carlo Franzato, Doutor em design, PUC-Rio

carlofranzato@puc-rio.br

Resumo

Entendemos como muito relevante o desenvolvimento de outras formas de fazer pesquisa, que busquem a superação da dicotomia sujeito-objeto, tão marcada no tradicional fazer científico e projetual, e que permitam considerar a pluralidade de relações ecossistêmicas implicadas no território a ser pesquisado. Este artigo tem como objetivo apresentar a cartografia e suas referências teóricas e projetuais a partir da revisão de diferentes documentos: publicações científicas, obras de divulgação, relatórios projetuais e sites. Além disso, sumarizam-se algumas compreensões sobre a cartografia, a fim de propô-la como ética projetual e proposição metodológica para um design regenerativo orientado a uma visão de mundo relacional e ecológica.

Palavras-chave: cartografia; processos projetuais; design regenerativo

Abstract

We understand as very relevant the development of other forms of doing research, which seeks to overcome the subject-object dichotomy, which is marked in traditional ways of scientific and project work, and which allows us to consider the plurality of ecosystem relations involved in the territory to be investigated. This article aims to present cartography and its theoretical and design references, through the review of different documents: scientific publications, popular works, project reports and sites. Also, some understandings about cartography are summarized, proposed as an ethical and methodological proposition for a regenerative design oriented towards a relational and ecological worldview.

Keywords: cartography; design processes; regenerative design

1. A cartografia

A cartografia é uma poderosa maneira de consideração e intervenção nos territórios por meio do mapeamento de suas forças e da coprodução de novos agenciamentos e relacionamentos. É de suma importância, para um design que se propõe regenerativo [1], considerar o território em sua integralidade, ou seja, em sua pluralidade de atores e relações ecossistêmicas. Tais atores não são apenas humanos, mas, além deles, trata-se de toda forma biótica, abiótica, material ou imaterial presente nas relações que compõem a realidade, a existência.

A cartografia foi proposta, inicialmente, pelos filósofos Deleuze e Guattari, no livro “Mil Platôs” [2][3]. É uma ética dirigida a uma pesquisa que enfrente os modos tradicionais da ciência e da academia, que são, muitas vezes, insuficientes para lidarmos com a complexidade do nosso mundo. No modo científico tradicional, o pesquisador adota uma suposta neutralidade na coleta de dados. Ou seja, há uma imaginada divisão entre aquele que pesquisa e o que é pesquisado (sujeito *versus* objeto); porém, essa divisão é impossível, pois, na realidade, nós estamos completamente implicados naquilo que pesquisamos – e mais, nosso ponto de vista crítico advém do nosso repertório e das perspectivas sobre o que foi pesquisado e além.

Deleuze e Guattari, então, propuseram um jeito de fazer que não se concentrasse em representar a realidade como algo estático, e sim cartografasse os processos enquanto estes aconteciam e que se situasse no espaço a ser cartografado, percebendo as linhas de forças que o percorrem [4]: forças de dinâmicas sociais, ambientais e subjetivas (seja essa subjetividade individual ou coletiva) [5][6]. Dessa forma, percebe-se que, apesar de o termo ser emprestado da geografia e amplamente utilizado na confecção de mapas geográficos, a cartografia não diz respeito apenas a realidades geográficas: é um processo vivo de mapeamento de qualquer tipo de realidade com que os cartógrafos deparam.

A partir dessa proposta de Guattari e Deleuze, outros acadêmicos e pesquisadores, apropriando-se dela, criaram métodos e práticas de pesquisa qualitativa. Pesquisadores brasileiros, inclusive, protagonizaram tais movimentos, como Suely Rolnik, Virginia Kastrup, Eduardo Passos e Luciano da Costa [7][8][9][10][11][12].

Neste artigo, buscamos sumarizar algumas compreensões sobre a cartografia aplicada ao campo da pesquisa e do design, além de apresentar projetos que demonstram tais traços, percebidos nesse novo modo de atuar que mantém uma relação com o campo projetual.

2. Compreensões sobre a cartografia

Uma pesquisa que adote uma ética cartográfica não se limita à coleção de dados pré-determinados, de acordo com procedimentos igualmente pré-determinados. Trata-se de um processo de investigação e coprodução de seus materiais, que se estrutura em devir. A cartografia, de fato, desdobra-se a partir de uma atitude inventiva e, ao mesmo tempo em que mapeia, também agencia e altera. Por meio da cartografia, observa-se, mostra-se, reflete-se, critica-se e se age. A cartografia surge como um princípio “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” [2, p. 21].

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como meditação [2, p. 21].

Ao contrário da pesquisa tradicional, na cartografia, não partimos de hipóteses duras, mas permitimos que os territórios existenciais se revelem, podendo e devendo alterar o curso de nossa investigação [8].

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção [8, p. 11].

Segundo Costa [11], a cartografia é mais do que um possível método de pesquisa, podendo ser entendida como uma inspiração ético-política, conforme proposta por Deleuze e Guattari [2][3], que busca complementar e fortalecer a pesquisa qualitativa. “Trata-se de uma posição ética porque coloca em questão o próprio sujeito operador de uma intervenção, na medida em que ele também se assume enquanto uma instituição a ser analisada” [11, p. 14].

Por meio da cartografia, podemos acompanhar processos através da análise de suas linhas imanentes. Tais linhas são articulações, que estão misturadas umas com as outras, e o grande desafio é desenredar essas linhas, o que Deleuze [4] chama de cartografar:

Temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão. O que chamamos por nomes diversos – esquizo-análise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos [13, p. 148]

Instalamos-nos nessas linhas, percorrendo territórios desconhecidos, traçando mapas. Costa e Amorim [12], a partir das propostas e conceitos deleuze-guattarianos, apresentam uma teoria das três linhas, que estão presentes em todos os processos vivos: linhas duras, linhas flexíveis e linhas de fuga.

Linhas duras são segmentaridades, limites de territórios, binarismos, protocolos. “As linhas duras demarcam identidades, deveres, hábitos, convenções, opiniões cristalizadas, enfim, representam os modos mais seguros e violentos de existência” [12, p. 918].

Linhas flexíveis e de fuga são os desvios e emergências, que surgem de forma molecular e não demarcam territórios, mas, antes, podem levar a um trânsito entre territórios e dispositivos, ou, ainda, à desconstrução ou à transformação deles.

Já as linhas flexíveis estão na ordem, muitas vezes, do inconsciente, do não dito; as linhas de fuga representam uma ruptura decisiva, uma busca de transformação, fugindo das categorizações e julgamentos apriorísticos. Para Deleuze [4], linhas de fuga são subjetivação, configurando-se como possíveis caminhos inventivos de resistência e devir. Em suma, Guattari e Deleuze nos convocam a olhar mais para processos e relações do que para estruturas.

3. Referências projetuais relevantes para o design

A seguir, apresentamos algumas referências projetuais relevantes para o entendimento da cartografia sob enfoque do design regenerativo, que considera as relações ecossistêmicas e valoriza o metaprojeto e a produção de subjetividades. Em cada caso, cujo detalhamento pode ser conhecido no endereço virtual indicado, mencionamos um traço que nos aproxima do entendimento da cartografia enquanto proposta projetual.

Em *Nova Cartografia Social da Amazônia* [14] (<http://novacartografiasocial.com.br/>), podemos encontrar uma enorme potência agenciadora e coletiva. São realizados projetos que envolvem mapeamentos e elaboração de fascículos em colaboração com as comunidades locais, que, por sua vez, podem automapear discursos, culturas, lugares, conflitos, evidenciando suas condições e expressões existenciais e singulares (Figura 1).

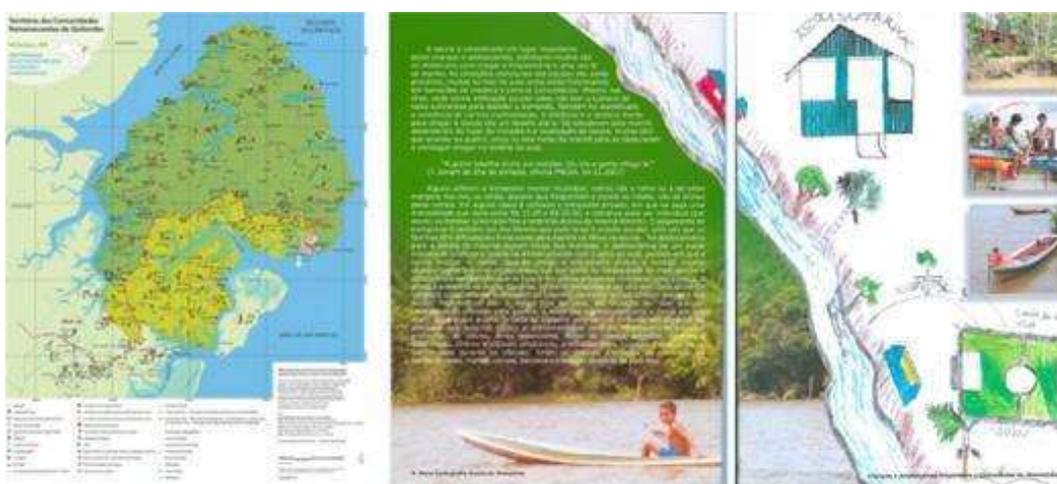


Figura 1. Fascículo Crianças e Adolescentes Ribeirinhos e Quilombolas de Adaetetuba. Fonte: <http://novacartografiasocial.com.br/download/01-criancas-e-adolescentes-ribeirinhos-e-quilombolas-de-adaetetuba/>

Em *Cartografia do Orçamento Participativo de Belo Horizonte* (<https://opbh.cartografia.org/>), temos a aplicação de um método denominado “Cartografia Indisciplinar” [14][15]. No mesmo contexto, foi criado um jogo territorial como dispositivo cartográfico para interação com a comunidade [16]. O jogo é composto por maquetes das vilas, cartas e linha do tempo com identificações de obras, atores, narrativas e outros eventos sobre os orçamentos participativos (Figura 2).



Figura 2. Imagens do Jogo Cartográfico. Fonte: <https://opbh.cartografia.org/jogo-cartografico-op/>

A editora Subjective Atlas (<https://www.subjectiveeditions.org/>) organiza publicações cartográficas de cidades, territórios e nações. Os atlas são livros publicados com a contribuição das subjetividades locais, conectadas a um projeto em rede global. Por meio de um mapeamento realizado por uma intersubjetividade coletiva, de forma *bottom-up* e enraizada nas experiências reais, é gerado um conhecimento a partir do lugar e das pessoas que o habitam.



Figura 3. À esquerda, imagem de pessoas folheando as diferentes publicações; à direita, reprodução das páginas 20 e 21 do eBook Subjective Atlas of Palestine. Fonte: <https://www.subjectiveeditions.org/atlas/p/ebooksubjectiveatlasofpalestine>

No livro *Floresta*² (<https://www.academia.edu/43499596/floresta>), podemos ver a produção oriunda de recorrentes imersões, cartografando relações que extrapolam o domínio do humano e implicam o corpo, as sensibilidades, as artes e a política (Figura 4).

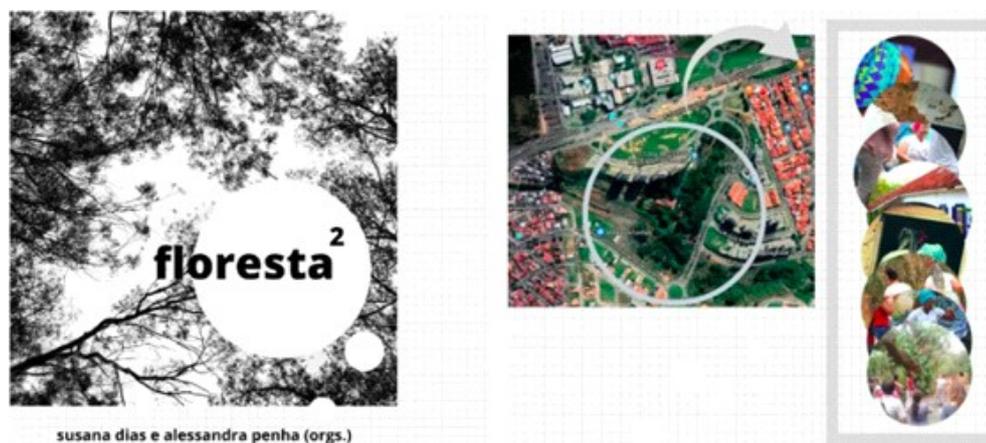


Figura 4. Imagem de capa e página 12 do livro *Floresta*². Fonte: <https://www.academia.edu/43499596/floresta>

Considerações finais: insumos cartográficos para um Design Regenerativo

Em 1989, Guattari propôs a Ecosofia como uma articulação ético-estético-política em três registros ecológicos das subjetividades, das relações sociais e do meio ambiente [17]. Ainda que pareça aludir ao meio ambiente de forma genérica, o filósofo nos convoca a agenciar objetos ecosóficos [5], ou seja, uma confluência dos registros supracitados. Na visão de Guattari, é preciso agenciarmos produções de subjetividades e formações subjetivas, de forma intencional e molecular, a fim de criarmos as condições para a saída das crises socioambientais que vivenciamos, engendradas em um empobrecimento subjetivo homogeneizante, que está em “movimento geral de implosão e infantilização regressiva” [17, p. 8].

A partir dos insumos guattarianos, ao longo de seu mestrado, a autora elaborou uma compreensão sobre o Design Regenerativo, direcionado a fomentar a elaboração de subjetividades humanas orientadas por uma visão de mundo ecológica em que sejam compreendidas e respeitadas as diversas relações ecossistêmicas (entre atores humanos, não-humanos, vivos ou não) [18].

No trabalho de campo, fizemos um convite aos participantes para a realização de movimentos projetuais que pudessem incitar processos regenerativos. Com isso, buscamos uma cartografia e uma intervenção em que os sujeitos estavam implicados no território, propondo transformações e transformando-se durante os movimentos de mapear, prospectar e catalisar [1]. Uma grande preocupação do Design Regenerativo é buscar alternativas ao pensamento marcadamente moderno e antropocêntrico; portanto, nesse sentido, buscamos realizar experimentos com a cartografia.

Para a imersão, realizada em uma área de preservação ambiental na Serra da Cantareira em São Paulo, que durou 4 dias e envolveu cerca de 10 participantes, produzimos um kit, contendo insumos e orientações relacionados a uma ética cartográfica. Propusemos que os participantes escrevessem sobre si, seus valores, pontos de vista e expectativas. Criamos um ambiente de diálogo horizontal e seguro para o estabelecimento e fortalecimento de vínculos. Propusemos a realização de um mapeamento do território, estando nele implicados. Percorremos e vivenciamos o lugar, conhecendo mais sobre suas histórias e relações a partir da interação com as pessoas que o habitavam.

Na volta de uma caminhada sentipensante, o grupo, em silêncio, realizou o mapeamento dos territórios que estávamos vendo emergir, em suas linhas e registros do meio ambiente, das relações sociais e das subjetividades (Figura 5).

Continuamos os workshops com rodas de conversa, articulando princípios de uma prática regenerativa, que envolvem o reconhecimento da interexistência e o estabelecimento de diálogos para a identificação de capacidades que podem ser desenvolvidas para fortalecer as relações de agregação de valor aos ecossistemas. Também cocriamos videomanifestos (https://youtu.be/bhGTd0A6o_4 e <https://youtu.be/mYmjX2QZoEE>), que propuseram, por um lado, uma visão da regeneração e seus *ethos* e, por outro, uma ecoperformance, a fim de cartografar narrativas e conflitos existentes no território, que sensibilizaram o grupo.



Figura 5. Imagens da Imersão Regeneração, atividade imersiva em que realizamos experimentos com a cartografia. Fonte: Garcia, 2021.

Nessa compreensão de cartografia como ética projetual para mapeamentos ecossistêmicos, são enfocadas não apenas as relações sociais, mas, antes, as relações plurais entre atores bióticos e abióticos que compõem os lugares. Também, não analisamos tecnicamente os sistemas como objetos estáticos e apartados de nós mesmos, mas buscamos mergulhar e cartografar a interexistência, para sensibilizar, fazer ver, criticar e agenciar. Os produtos desse trabalho não são apenas os artefatos visuais típicos do processo artístico ou de design, e sim os efeitos nas relações e formas de ver, pensar e agenciar.

Agradecimentos

Natalí Abreu Garcia conta com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES, código de financiamento 001). Carlo Franzato conta com o apoio da bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, processo 314437/2023-1). Também conta com o financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no escopo do Programa de Apoio a Projetos Temáticos no Estado do Rio de Janeiro (projeto Gávea Lab, processo número SEI-260003/001198/2023 – APQ1).

Referências

- [1] GARCIA, N. G.; FREIRE, K. M.; FRANZATO, C. Princípios e movimentos para processos projetuais regenerativos. **Mix Sustentável**, v. 9, n. 2, p. 63-74, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/5706>. Acesso em: 15 maio 2024.
- [2] DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a. V. 1.
- [3] DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b. V. 3.
- [4] DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: _____. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Ed. Vega; Passagens, 1996. Disponível em: https://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo. Acesso em: 24 fev. 2024
- [5] NADAUD, S. **Félix Guattari ¿Qué es la Ecosofia?:** textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. Buenos Aires: Cactus, 2015.
- [6] GUATTARI, F. Heterogênes. In: _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- [7] ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFGRS, 2016.
- [8] PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** Porto Alegre: Sulinas, 2009. V. 1.
- [9] PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulinas, 2014. V. 2.
- [10] COSTA, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 24 fev. 2024.
- [11] COSTA, L. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, v. 2, n. 15, p. 10, 10 dez. 2020.

- [12] COSTA, L; AMORIM, A. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 912-933, dez. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- [13] DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- [14] ALMEIDA, A. Nova Cartografia Social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, A.W. B. de; FARIAS JÚNIOR, E. de A. (orgs.). **Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social**. Manaus: UEA Edições, 2013.
- [15] LOPES, M. S. B.; RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma. **V!RUS**, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=6&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- [15] RENA, N.; SOUZA, G.; SÁ, A.; NOBRE, M. **Cartografia do Orçamento Participativo em BH**. Belo Horizonte, MG: Agência de Iniciativas Cidadãs, 2022b. V. 2.
- [16] RENA, N.; SOUZA, G.; SÁ, A.; NOBRE, M. **Cartografia do Orçamento Participativo em BH**. Belo Horizonte: Agência de Iniciativas Cidadãs, 2022a. V. 1.
- [17] GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2009.
- [18] GARCIA, N. **Regeneração e as três ecologias de Guattari**: exploração e experimentação para o desenvolvimento do Design Estratégico. 2022. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2022.